

LABORO-EXCELÊNCIA EM PÓS- GRADUAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DO TRABALHO

**MICHELLI AMORIM SOUZA GUTERRES**

**ACIDENTES DE TRABALHO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UMA  
UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO-MA**

São Luís

2011

**MICHELLI AMORIM SOUZA GUTERRES**

**ACIDENTES DE TRABALHO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UMA  
UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho da Laboro-Excelência em Pós-Graduação Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Enfermagem do Trabalho.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Mônica Elinor Alves Gama.

São Luís

2011

Guterres, Michelli Amorim Souza

Acidentes de trabalho entre profissionais de enfermagem de uma unidade de saúde do município de Rosário - MA/Michelli Amorim Souza Guterres. - São Luís, 2011.

42f.

Monografia (Pós-Graduação em Enfermagem do Trabalho) – Curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho, LABORO - Excelência em Pós-Graduação, Universidade Estácio de Sá, 2011.

1. Acidente de trabalho. 2. Doenças ocupacionais. 3. Profissional de enfermagem. I. Título.

CDU 331.472

**MICHELLI AMORIM SOUZA GUTERRES**

**ACIDENTES DE TRABALHO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UMA  
UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho da Laboro-Excelência em Pós-Graduação Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Enfermagem do Trabalho.

Aprovada em:        /        /

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Mônica Elinor Alves Gama** (Orientadora)  
Doutora em Medicina  
Universidade de São Paulo-USP

---

**Profª Rosemary Ribeiro Lindholm**  
Mestre em Enfermagem Pediátrica  
Universidade de São Paulo-USP

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter tornado tudo isso possível.

Aos meus pais, Francisco Vidal Souza e Maria Letice Amorim Souza pela orientação e incentivo e aos meus irmãos e demais familiares pelo constante incentivo e apoio.

Ao meu esposo Delfim S. P. Guterres Júnior, pelo incentivo incondicional, companheirismo e apoio.

A Prof<sup>a</sup>. Dra Mônica Elinor Alves Gama, pela orientação.

Aos funcionários da Unidade Mista de Rosário, pela confiança e disponibilidade.

*“O Enfermeiro só estará em condições de desempenhar suas atividades como agente de saúde, se tiver aguda consciência da realidade em que atua, fundamentação adequada que lhe permita uma ação coerente e instrumentação técnica satisfatória, que lhe possibilite uma ação eficaz.”*

*Julia B. George*

## RESUMO

Os trabalhadores de enfermagem, ao desenvolverem suas atividades, estão expostos a simultâneos e diferentes fatores passíveis de provocar acidentes. Com o objetivo de estudar os acidentes de trabalho entre profissionais de enfermagem da Unidade Mista do Município de Rosário foi realizada pesquisa de natureza quantitativa descritiva tendo como população 20 profissionais e para coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas constando dentre outras variáveis o entendimento sobre acidente de trabalho; frequência dos acidentes e causa dos acidentes sendo o tratamento e análise dos dados obtidos realizado por meio do programa Epi Info 6.0. Os resultados obtidos indicam que dos profissionais de enfermagem, o maior percentual é de técnicos, a maior parte dos entrevistados possuem menos de cinco anos de experiência, desconhecem o conceito de acidente de trabalho mesmo já tendo sofrido cuja principal forma foi com material perfurocortante, principalmente nos setores de internação/emergência; como fator de risco, o biológico e químico foram os mais mencionados e a causa mais citada foi sobrecarga de trabalho, já a consequência mais relevante foi medo de ser contaminação por HIV e hepatite; Por outro lado, embora não tenha recebido orientações sobre segurança no trabalho os entrevistados em sua maioria declararam trabalhar utilizando EPI's em quantidade e qualidade suficiente.

Palavras-chave: Acidente de trabalho. Doenças ocupacionais. Profissional de enfermagem.

## ABSTRACT

The nursing staff, develop their activities, are exposed to simultaneous and different factors that might cause accidents. In order to study the work injuries among nursing professionals the Mixed Unit of the Municipality of Rosario was performed for quantitative and descriptive with 20 professionals as population and data collection used a questionnaire with open and closed consisting among other variables understanding of occupational accident; frequency of accidents and causes of accidents and the treatment and data analysis performed using Epi Info 6.0. The results indicate that the nursing professionals, the highest percentage of technicians, the majority of respondents have less than five years of experience, unaware of the concept of an accident at work, even having already suffered whose principal means was needlestick mainly sectors of hospitalization / emergency as a risk factor, biological and chemical were most often mentioned and the most cited was work overload, since the most relevant result was afraid of being contaminated with HIV and hepatitis; Moreover, although not has received guidance on safety at work respondents reported working mostly using EPI `s in sufficient quantity and quality.

Keywords: Accident at work. Occupational diseases. Nurse.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	- Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais entrevistados, segundo a categoria profissional e tempo de serviço na área de enfermagem Rosário-Ma, 2011.....	29
Gráfico 1	- Distribuição percentual dos 20 profissionais estudados de acordo com o entendimento sobre acidente de trabalho, Rosário-MA, 2011.....	30
Tabela 2	- Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais estudados, quanto a ter sofrido acidente de trabalho, tipo, setor da ocorrência do acidente e frequência dos mesmos, Rosário-Ma, 2011.....	32
Tabela 3	- Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais entrevistados, segundo fator de risco e causa do acidente, Rosário-Ma, 2011.....	34
Gráfico 2	- Distribuição percentual dos 20 profissionais estudados segundo as consequências sofridas em decorrência do acidente, Rosário-MA, 2011.....	35
Tabela 4	- Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais entrevistados, quanto a oferta satisfatória de equipamentos de proteção individual-EPIs pelo hospital, utilização dos EPIs em todos os procedimentos os quais sejam necessários e recebimento de alguma orientação sobre segurança no trabalho-Rosário/Ma, 2011.....	36

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>24</b>
<b>2.1</b>	<b>Geral</b> .....	<b>24</b>
<b>2.2</b>	<b>Específicos</b> .....	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADO</b> .....	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>36</b>
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICES.....	40

## 1 INTRODUÇÃO

O assunto a ser abordado nesta investigação refere-se aos acidentes de trabalho relacionados com os profissionais de enfermagem em especial do município de Rosário que funciona como referência em serviços de saúde na região do Munin em virtude do seu maior desenvolvimento.

Segundo o Ministério da Previdência Social (2011), acidente do trabalho é o que ocorre no exercício de suas atividades a serviço da empresa, com o segurado empregado, trabalhador autônomo, médico residente, bem como com o segurado especial, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte, a perda ou redução, temporária ou permanente, da capacidade para o trabalho.

São também considerados como acidentes de trabalho aqueles que, mesmo não sendo de causa única, contribuíram diretamente para a ocorrência do agravo. São fatores agudos, podendo ocasionar morte ou lesão, a qual poderá levar à redução temporária ou permanente da capacidade para o trabalho. Fatores como layout inadequado do ambiente de trabalho, falta de proteção em máquinas, ferramentas em péssimas condições de uso, possibilidade de incêndio e explosão, esforço físico intenso, levantamento manual de peso, posturas e posições inadequadas, pressão para aumento da produtividade, ritmo acelerado na realização das tarefas, movimentos repetitivos, jornada de trabalho extensa com freqüente realização de hora-extra, pausas reduzidas ou inexistentes, trabalho noturno ou em turnos, presença de animais peçonhentos e trabalho realizado com substâncias tóxicas sem proteção adequada estão entre os fatores mais frequentemente envolvidos nas causas dos acidentes de trabalho (BRASIL,2002)

Nesse sentido, é importante observar que um acidente não acontece por acaso e pode trazer consequências indesejáveis, portanto, os acidentes podem ser previstos. Conforme o Decreto nº 79.037/76, equipara-se a acidente de trabalho, a doença profissional ou do trabalho, inerente ou peculiar a determinado ramo de atividade, o acidente que, embora não tenha sido a causa única, tenha contribuído diretamente para a morte, perda ou redução da capacidade para o trabalho e a doença proveniente de contaminação acidental de pessoal de área médica, no exercício de sua atividade.

Quem realiza a prevenção sabe que todo acidente possui causa definida, por mais imprevisível que pareça. Os acidentes em geral são o resultado de uma combinação de fatores como falhas humanas e materiais. Considera-se falha humana o ato inseguro praticado pelo trabalhador consciente do que está fazendo, contrário as normas de segurança, como por exemplo, subir em telhado sem cinto de segurança contra quedas e, falha material, condições inseguras do ambiente de trabalho que ofereça perigo ou risco ao trabalhador, como exemplo, máquinas em precário estado de utilização.

Como se pode perceber o acidente do trabalho gera consequências de ordem material para o trabalhador, devendo-se comprovar o vínculo de causa e efeito, assim como a prejudicialidade que é a demonstração do tipo de dano sofrido pelo mesmo. A avaliação dos prejuízos sofridos deve ir além do aspecto material, recaindo ainda sobre as consequências sociais que este passou a sofrer após o acidente. Sendo assim, a identificação das causas dos acidentes contribui para que sejam evitados ou minimizados. Diz-se então que os acidentes são acontecimentos previsíveis e, portanto, passíveis de serem prevenidos.

Os principais acidentes que ocorrem com os profissionais da saúde nas unidades básicas são de trajeto, com material perfurocortante contaminado e alergias às substâncias químicas utilizadas na desinfecção.

No Brasil, a primeira lei relativa a acidentes de trabalho foi promulgada apenas em 15 de janeiro de 1919. Ressalta-se, contudo, que em relação a essa época, a legislação trabalhista brasileira contra acidentes de trabalho tem passado por períodos de avanços e retrocessos (RIBEIRO; SHIMIZU, 2007).

Segundo estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ocorre anualmente 160 milhões de doenças profissionais, 250 milhões de acidentes de trabalho e 330 mil óbitos no mundo. De acordo com dados publicados pelo Jornal Folha de Londrina (2008), a cada duas horas de trabalho, morrem no país, três trabalhadores e a cada minuto de trabalho, ocorrem três acidentes.

## 1.1 DOENÇAS OCUPACIONAIS

As doenças do trabalho referem-se a um conjunto de danos ou agravos que incidem sobre a saúde dos trabalhadores, causados, desencadeados ou agravados por fatores de risco presentes nos ambientes de trabalho. Manifestam-se de forma lenta, insidiosa, podendo levar anos, o que dificulta o estabelecimento da relação entre uma doença sob a investigação e o trabalho. Também são consideradas as doenças resultantes de contaminação acidental no exercício do trabalho e as doenças endêmicas quando adquiridas por exposição ou contato direto, em função do trabalho realizado (BRASIL, 2002). De acordo com o Decreto 611/92 as doenças profissionais são:

“...aquelas adquiridas em decorrência do exercício do trabalho em si. Doenças do trabalho são aquelas decorrentes das condições especiais em que o trabalho é realizado. Ambas são consideradas como acidentes de trabalho, quando delas decorrer a incapacidade para o trabalho. Não são consideradas como doença do trabalho a doença degenerativa; a inerente a grupo etário; a que não produz incapacidade laborativa e a doença endêmica adquirida por segurados habitantes de região em que ela se desenvolva, salvo comprovação de que resultou de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho”.

Assim, a doença profissional e a doença do trabalho são consideradas acidentes de trabalho desde que estejam relacionadas com a atividade desenvolvida pelo trabalhador.

A incidência de doenças profissionais, medida a partir da concessão de benefícios previdenciários, manteve-se praticamente inalterada entre 1970 e 1985: em torno de dois casos para cada 10 mil trabalhadores. No período de 1985 a 1992, esse índice alcançou a faixa de quatro casos por 10 mil. A partir de 1993, observa-se um crescimento com padrão epidêmico, registrando-se um coeficiente de incidência próximo a 14 casos por 10 mil. Esse aumento deve-se, principalmente, pelas LER (Lesões por esforços repetitivos) ou DORT (Distúrbios Osteo-musculares Relacionados ao Trabalho), responsáveis por cerca de 80 a 90% dos casos de doenças profissionais registrados, nos últimos anos, no Ministério da Previdência Social-MPS.

Na Saúde, de acordo com Barboza; Soler (2003), a equipe de enfermagem é a equipe de maior representatividade profissional dentro de uma Unidade de Saúde.

Essas unidades constituem um ambiente que expõe os trabalhadores a vários riscos podendo provocar Acidentes de Trabalho (AT) ou doença profissional.

A problemática da saúde dos trabalhadores de enfermagem como preocupação de pesquisadores cresceu a partir da década de 80 no Brasil. Esses profissionais encontram-se expostos a vários fatores de riscos, que podem ocasionar doenças ocupacionais e acidentes de trabalho. Além destes riscos, muitas outras variáveis contribuem para a ocorrência de acidentes: inexperiência, falta de capacitação, indisponibilidade de equipamento de segurança, cansaço, dupla jornada de trabalho, trabalho em turnos, distúrbios emocionais, excesso de autoconfiança, falta de organização do serviço, desequilíbrio emocional em situações de emergência e tecnologia crescente de alta complexidade (MARZIALE; RODRIGUES, 2002).

A maior frequência de acidentes de trabalho em hospitais sucede na enfermagem devido os trabalhadores prestarem assistência direta aos pacientes e indireta como limpeza, desinfecção de materiais, de equipamentos e do ambiente. Estudos demonstram ainda serem significativas às consequências para o trabalhador, sua família e o empregador. São sobrecargas de trabalho, fatalidade, própria culpa ou desleixo e precariedade das condições de trabalho que contribuem para que lesões e danos acometam os profissionais de enfermagem sendo mais frequentes problemas osteomúsculo-articulares, ferimentos perfurocortocortosos, lacerações, feridas, contusões, entre outros (RIBEIRO; SHIMIZU, 2007).

## **1.2 Fatores de risco**

Conforme o Ministério do Trabalho, fator de risco para provocar um dano, é toda característica ou circunstância que acompanha um aumento de probabilidade de ocorrência do fator indesejado, sem que o fator tenha de intervir necessariamente em sua causalidade (BRASIL, 2011).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil, podem ser classificados em cinco grandes grupos de risco:

“físicos- agressões ou condições adversas de natureza ambiental que podem comprometer a saúde do trabalhador; químicos- agentes e substâncias químicas, sob a forma líquida, gasosa ou de partículas e poeiras minerais e vegetais, comuns nos processos de trabalho; biológicos- microorganismos geralmente associados ao trabalho em hospitais, laboratórios e na agricultura e pecuária; ergonômicos e psicossociais - que decorrem da organização e gestão do trabalho; de acidentes- ligados à proteção das máquinas, arranjo físico, ordem e limpeza do ambiente de trabalho, sinalização, rotulagem de produtos e outros que podem levar a acidentes do trabalho”. (BRASIL, 2001).

Balsamo; Felli (2006) relatam que os acidentes de trabalho expressam o desgaste do trabalhador, que pode ser provocado pela exposição às cargas de trabalho as quais consistem na interação do trabalhador com o objeto de trabalho, com os meios de processar o trabalho e com as formas de organização dos mesmos.

Os trabalhadores de enfermagem, ao desenvolverem suas atividades, estão expostos a simultâneos e diferentes fatores passíveis de provocar acidentes. Os fatores químicos envolvem todas as substâncias presentes em um processo de trabalho que são utilizados em atividades como a esterilização, desinfecção, tratamento medicamentoso, quimioterápicos, gases analgésicos, ácidos para tratamento dermatológico e látex. Essas substâncias merecem atenção, pois como materiais de trabalho podem gerar consequências à saúde dos trabalhadores como tontura, dispnéia, cefaléia, urticária, reações alérgicas, infertilidade, alterações celulares e intoxicação. Os fatores biológicos são comuns no ambiente de trabalho, no sangue e em outros fluídos corpóreos como na manipulação de pacientes com doenças infecto contagiosas, feridas, ostomias, cirurgias contaminadas e demais secreções humanas.

Com relação aos fatores físicos, pode ocorrer a exposição ao choque elétrico no manejo de aspiradores, desfibriladores, tomadas e bisturis elétricos, especialmente em equipamentos sem manutenção constante; em unidades como a central de material esterilizado os trabalhadores estão expostos a ruídos dos equipamentos, à alta temperatura e a choque térmicos; há risco de radiação no auxílio de exames diagnósticos ou pela proximidade ao equipamento sem EPI. Na exposição a fatores ergonômicos, destaca-se o peso no transporte de pacientes, a posição de pé por longos períodos, postura inadequada e/ou esforços na realização das tarefas, que podem causar doenças osteomusculares com limitações físicas. Acrescenta-se, ainda, a exposição de trabalhadores que se submetem ao trabalho em diferentes turnos, ou

somente no noturno, que pode se expressar em doenças psicossomáticas e alterações da saúde mental (COSTA; FELLI, 2005).

Castejón (2004), menciona que a avaliação de riscos deve ser uma ação dinâmica e contínua, acompanhando as modificações das condições de trabalho.

Pela complexidade do processo de trabalho em enfermagem, visto a exposição aos riscos advindos de cuidados assistências diretos e indiretos, não se pode esquecer também, o despreparo técnico-científico associado à falta de treinamento e de capacitação profissional, ambientes físicos insalubres, falta de material adequado em quantidade e qualidade para a realização dos procedimentos, déficit na manutenção preventiva de equipamentos, carência de recursos humanos tudo isso gerando sobrecarga aos funcionários existentes que são fatores de risco para os mesmos (RIBEIRO; SHIMIZU, 2007).

Segundo dados do Ministério da Saúde os fatores que mais contribuem para a ocorrência do acidente de trabalho são o espaço de trabalho com estrutura física inadequada, a falta de proteção em máquinas perigosas, as ferramentas defeituosas, possibilidade de incêndio e explosão, esforço físico intenso, levantamento manual de peso, posturas e posições inadequadas, pressão do empregador por produtividade, ritmo acelerado na realização das tarefas, repetitividade de movimento, extensa jornada de trabalho com frequentes realizações de hora-extra, pausa inexistente, e presença de substâncias tóxicas (BRASIL, 2002).

Os acidentes de trabalho, quando ocorrem por falha humana, geralmente estão relacionados a circunstâncias laborais, fato que vai refletir tanto na saúde do trabalhador quanto em prejuízos para a empresa. Estudos sobre acidentes de trabalho na área hospitalar revelam que ocorrem de forma repentina, permitindo uma rápida associação com efeitos negativos do trabalho no corpo do trabalhador. Outro estudo destaca que a noção que o trabalhador tem dos riscos ocupacionais a que está exposto, influencia seu comportamento e a forma de exposição a eles (LAURELL, NORIEGA, 1989).



### 1.3 Equipamentos de Proteção Individual - (EPI)

Os Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) são acessórios utilizados pelos profissionais contra possíveis riscos que ameaçam a sua saúde ou segurança durante o exercício de sua atividade laboral.

De acordo com a NR-6, da Portaria nº 3214, de 08 de junho de 1978, do Ministério do Trabalho e Emprego, considera-se Equipamento de Proteção Individual – EPI: “todo dispositivo ou produto de uso individual destinado a proteger a saúde e a integridade física do trabalhador”.

Esses equipamentos são utilizados também quando não é possível minimizar ou eliminar os riscos do ambiente onde o profissional desempenha sua atividade ou quando as medidas de proteção coletiva forem tecnicamente inviáveis ou não oferecerem completa proteção contra os riscos de acidentes do trabalho e/ou de doenças profissionais.

A empresa é obrigada a fornecer ao empregado, gratuitamente, EPI de quantidade e qualidade adequado ao risco, em perfeito estado de conservação e funcionamento, nas seguintes circunstâncias:

- Sempre que as medidas de ordem geral não ofereçam completa proteção contra os riscos de acidentes do trabalho ou de doenças ocupacionais;
  - Enquanto as medidas de proteção coletiva estiverem sendo implantadas;
  - Para atender situações de emergência.
- Quanto ao EPI cabe ao empregador:
- Adquirir o EPI adequado ao risco de cada atividade;
  - Exigir o seu uso;
  - Fornecer ao empregado somente EPI's aprovados pelo órgão nacional competente em matéria de segurança e saúde no trabalho;
  - Orientar e capacitar o empregado quanto ao uso adequado acondicionamento e conservação;
  - Substituir imediatamente, quando danificado ou extraviado;
  - Responsabilizar-se pela higienização e manutenção periódica;
  - Comunicar ao MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) qualquer irregularidade observada.
- Quanto ao EPI cabe ao empregado:
- Utilizar apenas para a finalidade a que se destina;
  - Responsabilizar-se pelo acondicionamento e conservação;
  - Comunicar ao empregador qualquer alteração que o torne impróprio para uso;
  - Cumprir as determinações do empregador sobre o uso adequado.

(Fundacentro, 2010)

Nota-se que tanto os empregados quanto os empregadores tem sua parcela de responsabilidades na aquisição, utilização e conservação dos equipamentos de proteção individual visando minimizar agravos à saúde do trabalhador, bem como prejuízos as empresas.

Os equipamentos de proteção individual são: luvas, máscaras, gorros, óculos de proteção, capotes (aventais) e botas, e atendem às seguintes indicações:

- Luvas - sempre que houver possibilidade de contato com secreções e excreções, com mucosas ou com áreas de pele não íntegra;
- Máscaras, gorros e óculos de proteção - durante a realização de procedimentos em que haja possibilidade de respingo de sangue e outros fluidos corpóreos;
- Aventais - devem ser utilizados durante os procedimentos com possibilidade de contato com material biológico;
- Botas - proteção dos pés em locais úmidos ou com quantidade significativa de material infectante (BRASIL,2008).

O quadro abaixo mostra algumas orientações quanto a utilização dos equipamentos de proteção individual:

**Quadro 1 – Recomendações para utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) nas Precauções Básicas de Biossegurança**

Procedimento	Lavar as mãos	Luvas	Capote (avental)	Máscara e óculos de proteção
Exame de paciente sem contato com sangue, fluidos corporais, mucosas ou pele não-integra	X	-	-	-
Exame de paciente, incluindo contato com sangue, fluidos corporais, mucosas ou pele não-integra	X	X	.*	-
Coleta de exames de sangue, urina e fezes	X	X	-	-
Realização de curativos	X	X	.*	- **
Aplicações parenterais de medicações	X	X	-	- **
Punção ou dissecação venosa profunda	X	X	X	X
Aspiração de vias aéreas e entubação traqueal	X	X	X	X
Endoscopias, broncoscopias	X	X	X	X
Procedimentos dentários	X	X	X	X
Procedimentos com possibilidade de respingos de sangue e secreções	X	X	X	X

Fonte: BRASIL, Ministério da Saúde, 2008

Os profissionais de enfermagem muitas vezes não utilizam os equipamentos de proteção individual por diversas razões, sempre discutíveis e fúteis, ou até mesmo por falta de orientação. Para cada EPI existem várias desculpas, sendo que a principal é sobre a utilização das luvas de procedimento, referindo diminuição da sensibilidade ou ainda dificuldade em utilizá-las para atividades com esparadrapos. Zapparol (2005),

identificou que 84,0% dos trabalhadores julgaram desnecessário o uso de EPI por não acreditarem na contaminação do material que estavam manipulando. A adesão ao uso do EPI está relacionada à percepção que os profissionais têm dos riscos a que estão expostos e da suscetibilidade a estes riscos. Os profissionais, muitas vezes, banalizam os riscos ocupacionais e não sabem, na sua maioria, identificar as conseqüências decorrentes da inobservância do uso de medidas de prevenção.

É importante destacar que os equipamentos de proteção individual são utilizados para a proteção do trabalhador e do cliente e por último, a falta de conscientização dos profissionais de enfermagem pode levá-los ao acometimento de doenças como a hepatite B e a AIDS (FUNDACENTRO, 2010).

Da mesma forma, verifica-se, nas considerações de Almeida; Pagliuca; Leite (2005), sobre a importância da conscientização do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) pelos profissionais de enfermagem, que o uso correto do EPI colabora essencialmente para a segurança, o bem-estar e a saúde do trabalhador. Talhaferro et al (2008), em estudo realizado em um hospital universitário de Campinas identificou que quando questionados os profissionais de enfermagem sobre quais as razões para o desuso dos EPI, 29,8% disseram que não há razão para o desuso, 19,1% disseram que atrapalha no trabalho, 19,1% relataram a inconveniência do seu uso, 17,0% mencionaram falta de habilidade para o seu uso, 6,4% disseram que foi pelo desconhecimento da indicação do seu uso, 6,4% não responderam e 2,1% disseram que não usam EPI porque, na hora, esquecem.

#### **1.4 Acidentes de trabalho X Enfermagem**

No contexto hospitalar a enfermagem constitui-se na maior força de trabalho e possui características próprias na realização de suas atividades diárias. Pereira et al (2004), relatam em sua pesquisa realizada em Brasília-DF no Hospital Público e Universitário que a categoria de maior representatividade profissional foi a da enfermagem, destes, 76 (60,3%) são auxiliares de enfermagem, 36 (28,6%) enfermeiros e 14 (11,1%) técnicos de enfermagem. Analisando a equipe de enfermagem Nishide; Benatti; Alexandre( 2004), notaram que os técnicos e auxiliares são os profissionais que durante a jornada de trabalho estão mais expostos a riscos

devido à caracterização de suas atividades como a promoção da higiene e conforto do paciente, organização do ambiente de trabalho, controle de materiais, desprezo de urina, drenagens e secreções de frascos coletores e pelo contato direto por longos períodos com os pacientes.

Em estudo realizado sobre a adesão de EPI's pelos profissionais de enfermagem no quesito tempo de atuação na enfermagem, Talhaferro; Barbosa; Oliveira (2008) identificaram que 2%, atuam na profissão 10 anos ou mais e 40,0%, de 5 a 10 anos. Pesquisadores sugerem a hipótese de que trabalhadores com mais tempo de serviço e experiência possam se sentir mais seguros e, de certa forma, negligenciar certas precauções, por confiar demasiadamente em sua destreza, acidentando-se algumas vezes.

Conforme encontrado por Gir; Costa; Silva (1998), referente a profissionais de enfermagem acidentados com material potencialmente contaminado foi verificado que os enfermeiros que se acidentaram, (33,8%) atuam na profissão há pelo menos 10 anos, um total de (10,0%) atuam de 5 a 10 anos como enfermeiro e (7,5%) há menos de 5 anos. Quanto aos que nunca se acidentaram, 17 atuam nessa categoria profissional em período inferior a 5 anos. Cabe ressaltar que 27 (33,8%), ou seja a maioria dos enfermeiros que relataram acidentes, exercem, a profissão há 10 anos ou mais, ao passo que dentre os que nunca se acidentaram, grande parte (43,5%) apresentam tempo de exercício profissional inferior a 5 anos. Tal resultado pode sugerir que as Escolas de Enfermagem estejam cada vez mais valorizando a necessidade da sensibilização dos profissionais sobre a proteção individual. De maneira semelhante, os próprios enfermeiros parecem incorporar de maneira mais fácil e compreensiva as recomendações acerca de precauções em cuidados de saúde. Ronk et al (1994), constataram que um grupo de enfermeiros que exercem a profissão entre 6 e 10 anos referiram estar menos familiarizados com as precauções padrão e conseqüentemente, menos susceptíveis a acreditar que o emprego de tais precauções reduz o risco de exposição ocupacional ao HIV e HVB.

A periculosidade e a insalubridade desse trabalho se dão pela exposição a agentes patogênicos, radiações, substâncias tóxicas, atividades que exigem esforço físico, más condições do ambiente e tensões nas relações interpessoais. Assim, o

ambiente de trabalho na enfermagem acaba por favorecer o processo de desgaste do trabalhador, culminando em doenças e facilitando a ocorrência de acidentes (FERRONI; SILVINO, 2005).

Esses profissionais trabalham com a realidade de na maioria dos hospitais, com número reduzido de funcionários, predispondo-os a perigos principalmente para aqueles que assume sobrecarga de trabalhos. Outro fator relevante é o rodízio por turnos, executado nas 24 horas do dia, podendo aumentar as chances de ocorrência de acidentes de trabalho. A existência desses fatores influi na redução do estado de alerta dos trabalhadores, acarretando problemas físico-emocionais, e, por consequência, dificuldades de relacionamento com a equipe e intranqüilidade ao atender os pacientes. Baseando-se em tais constatações, vem a hipótese de que os esforços e as precárias condições de trabalho a que submetem trabalhadores de enfermagem contribuem para ocorrência de acidentes (RIBEIRO; SHIMIZU, 2007).

Em pesquisa realizada num hospital universitário em 1994, foi constatado que o ritmo intenso, com conseqüente sobrecarga de trabalho, pode ser significativa na ocorrência do acidente com material perfurocortante pelos profissionais de enfermagem (BRANDI, 1998).

O Instituto Nacional de Seguridade e Higiene en el Trabajo (2008) descreve que as condições deficientes do trabalho provocam danos ao trabalhador, como as lesões por acidente, as doenças profissionais, a fadiga, a insatisfação, o *stress* e as patologias inespecíficas.

Durante a prestação de serviços, os profissionais de enfermagem encontram-se expostos aos riscos biológicos devido à manipulação de materiais contaminados, secreções, fluidos corporais, além da realização de procedimentos invasivos como a administração de medicamentos, soroterapia, manipulação de agulhas e *scalps*, os que os tornam mais susceptíveis a ocorrência de acidentes. Em um estudo realizado com profissionais de enfermagem nas clínicas médicas e cirúrgicas dos Hospitais Gerais de Rio Branco-Acre constatou-se que a maior incidência de acidentes de trabalho ocorre com materiais perfurocortantes, sendo que 52,2% ocorreram com agulha de seringa, 28,3% com *scalps* e 19,5% por jelco, bisturi, ampola, agulha de raqui, gilete, instrumental cirúrgico e lanceta (PEREIRA et al, 2004).

Ruiz; Barboza; Soler (2004), pesquisando em um complexo hospitalar de grande porte, localizado no interior do Estado de São Paulo sobre a ocorrência de acidentes de trabalho, constataram que o principal tipo de acidente era com material perfurocortante e que 98% dos acidentados eram da equipe de enfermagem e Benatti (2001), identificou que a maior consequência sofrida pelos profissionais acidentados foram dor seguida de preocupação com o HIV e hepatite.

Na ocasião de um acidentes de trabalho várias medidas precisam ser tomadas tanto assistenciais quanto administrativas, por isso a conduta a ser adotada depende das características do acidente. Marziale; Nishimura; Ferreira (2004), relatam que as condutas aderidas após a ocorrência do acidente dependem quantidade de inoculação, profundidade da penetração da agulha ou objeto cortante, tipo e formato da agulha, características do paciente fonte, inoculação de sangue e imunidade do trabalhador.

É recomendada após ocorrência do acidente com material perfurocortante a limpeza da área afetada, pressionar o local afetado provocando a saída do sangue; descrever o acidente para o departamento de saúde dos empregados ou com serviço de comissão hospitalar; o acidentado deve realizar o teste para identificação da presença de vírus da hepatite B (HBsAg) e anticorpos do vírus da Imunodeficiência Humana (HIV); avaliar se possível o paciente fonte e o objeto causador do acidente. Caso os resultados dos testes identifiquem a presença de contaminação, o trabalhador irá se submeter à quimioprofilaxia (PEREIRA et al, 2004). Nem sempre as medidas profiláticas adotadas após a exposição do profissional ao acidente são totalmente eficazes, sendo necessárias ações educativas permanentes aos profissionais de enfermagem, incentivando os mesmos a utilizarem os equipamentos de proteção individual de forma correta sendo o mais indicado para prevenir a ocorrência de possível contaminação pelo vírus HIV e Hepatite B no ambiente ocupacional (ALMEIDA; PAGLIUCA; LEITE, 2005).

Em análise de artigos quanto aos setores hospitalares onde houve o registro dos acidentes, a clínica médica, cirúrgica e o pronto atendimento foram os de maior prevalência (BARBOZA; SOLER; CIORLIA, 2004; PEREIRA et al, 2004; MARZIALE, NISHIMURA; FERREIRA, 2004; PINHO; BALSAMO; FELLI, 2006; RIBEIRO; SHIMIZU,

2007; PINHO; RODRIGUES; GOMES, 2007). Costa; Benatti (1998) verificaram também que as pessoas acidentadas trabalhavam principalmente nas Unidades de Internação (35%) e no Centro Cirúrgico (20%).

Ao questionarem profissionais de enfermagem sobre a causa do acidente, Balsamo; Felli (2006), observaram que 19,64% afirmaram não ter causa definida para a ocorrência do acidente, 16,7% atribuíram a falta de atenção e cuidado do trabalhador, em sequência os trabalhadores atribuíram a pressa, sobrecarga de trabalho, não viu o perfurocortante e a falta de funcionários.

Apesar da importância do problema, pouca atenção tem sido dada aos riscos de acidente de trabalho, doenças ocupacionais e principalmente a notificação de acidentes envolvendo os profissionais de saúde. Mesmo sendo obrigatória a emissão da Comunicação do Acidente de Trabalho-(CAT), observa-se na prática a subnotificação por parte dos funcionários acometidos pelos acidentes que as vezes ignoram as lesões e por desconhecimento da importância da emissão deste documento (BARBOSA; FIGUEIREDO; PAES,2009).

Para Nishide; Benatti; Alexandre (2004), a subnotificação é comum e os acidentados apresentam justificativas como: por acreditarem que não teriam riscos de contaminação, pois o acidente ocorreu no preparo do medicamento 28%; contato com material biológico em pele íntegra 24%; não oferece risco de contaminação, muita burocracia 12%; acidente não grave 12%; desinteresse 8%; plantonista descartou necessidade, medo 4% e intercorrências durante o plantão 4%. Verificou-se que dos 64 acidentes sofridos com material perfurocortante 39 (60,9%) acidentados não notificaram, destes 14 (35,8%) não fizeram porque desconheciam a necessidade de notificar, 10 (25,6%) julgaram desnecessário e 15 (38,6%) participantes apontaram motivos como: falta de tempo, paciente fonte tinha sorologia negativa. Apenas 25 (39,1%) notificaram o acidente.



## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Geral**

- Estudar os acidentes de trabalho entre profissionais de enfermagem da Unidade Mista do município de Rosário.

### **2.2 Específicos**

- Identificar os acidentes de maior ocorrência;
- Verificar a frequência dos acidentes de trabalho;
- Identificar as principais causas dos acidentes;
- Relacionar as causas identificadas e suas consequências para os trabalhadores.

### **3 METODOLOGIA**

#### **Tipo do estudo**

Estudo descritivo com abordagem quantitativa. De acordo com Marconi; Lakatos (2003, p. 187), esse tipo de pesquisa tem como finalidade a “análise das características de fatos ou fenômeno [...] empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações [...] ou amostra de populações [...]”.

#### **Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Unidade de saúde sendo de administração pública, possui 49 funcionários destes, 20 são da enfermagem onde a mesma oferece a população serviços de urgência e emergência, serviço ambulatorial, centro cirúrgico de pequeno porte, conta também com serviços de apoio como farmácia, nutrição, lavanderia e serviços especializados como exames radiológicos, laboratoriais e epidemiologia, localizada no município de Rosário cidade da região Norte Maranhense, a 70 Km de São Luís com população de 39.576 habitantes, tendo como atividades econômica de destaque agropecuária, indústrias e serviços, no setor saúde possui 8 estabelecimentos públicos e 1 privado, na educação possui 121 escolas de níveis fundamental e médio.

#### **População**

A população de profissionais de enfermagem da referida Unidade é constituída por 20 trabalhadores onde todos foram entrevistados. Quanto às visitas para as entrevistas, foram agendadas previamente junto à direção da Unidade Mista e aconteceram no período de 5 a 12 de agosto de 2011.

### **Instrumento para coleta dos dados**

Como instrumento para coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas constando da categoria profissional, conhecimento sobre conceito de acidente de trabalho, frequência dos acidentes, causa e consequência dos mesmos, utilização de equipamentos de proteção individual, além da consulta aos livros de registros da Unidade pesquisada. O questionário foi aplicado pela pesquisadora no momento em que os profissionais estavam realizando sua atividade laboral (APÊNDICE A).

### **Análise de dados**

Após a coleta, os dados foram tabulados e submetidos a análise estatística através do programa Epi Info 6.0 e representados em forma de Gráficos e/ou Tabelas para melhor visualização e análise dos resultados.

### **Considerações éticas**

A pesquisa foi realizada em conformidade com as exigências da Resolução CNS N<sup>o</sup>. 196/96, em vigor em todo território nacional, onde os sujeitos envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando assim, sua participação na pesquisa (APÊNDICE B).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a tabela 1, no que se refere à categoria profissional, observou-se que a maioria dos entrevistados 70%, eram de nível técnico e 30% eram enfermeiros e no que diz respeito ao tempo de serviço na enfermagem, os dados obtidos deixaram evidente que 50% da população ou seja 42,86% dos técnicos de enfermagem e 66,67% dos enfermeiros tinham até 5 anos de experiência, 20% população ou seja 28,57% dos técnicos e 33,33% dos enfermeiros tinham de 5 a menos 10 anos de experiência e 20% da população ou seja 28,57% dos técnicos possuíam 10 anos ou mais de experiência.

Tabela 1 – Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais de enfermagem de acordo com a categoria profissional e tempo de serviço na área de enfermagem - Rosário/MA, 2011.

VARIÁVEL	CATEGORIA PROFISSIONAL					
	Enfermeiro(a)		Técnico(a) de Enfermagem		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>Categoria profissional</b>	6	30	14	70	20	100
<b>Tempo de serviço</b>						
< 5 anos	4	20	6	30	10	50
De 5 a < 10 anos	2	10	4	20	6	30
10 anos ou mais	-	-	4	20	4	20
<b>TOTAL</b>	6	30	14	70	20	100

Os dados obtidos são parecidos com os encontrados em pesquisa realizada por Pereira et al (2004), no Hospital Público e Universitário de Brasília onde a categoria de maior representatividade profissional foi a da enfermagem, destes, 70% eram auxiliares de enfermagem e técnicos de enfermagem, fato este explicado em virtude da natureza das funções exercidas por cada uma das categorias profissionais visto a característica eminentemente operacional dos técnicos de enfermagem.

Nota-se que 80% da população estudada possui pouco tempo de experiência, ou seja, menos de 10 anos na atividade profissional. Os dados divergentes dos encontrados por Talhaferro; Barbosa; Oliveira (2008), em estudo realizado com profissionais de enfermagem no quesito tempo de atuação na enfermagem, 40,0% de 5 a 10 anos e 35,2%, atuam na profissão 10 anos ou mais. Por outro lado, o estudo de

Gir; Costa; Silva (1998), corroboram os resultados encontrados nessa pesquisa visto que tais autores identificaram que 43,8% dos profissionais estudados atuavam nessa categoria profissional em período inferior a 5 anos.

No gráfico 1, quanto ao entendimento sobre acidente de trabalho, 50% dos técnicos de enfermagem disseram que é aquele que acontece no ambiente de trabalho, e 21% não souberam responder. Em relação aos enfermeiros 17% declararam que é quando o funcionário se fere com material cortante e 83% que é todo acidente que venha ocorrer durante a jornada de trabalho.

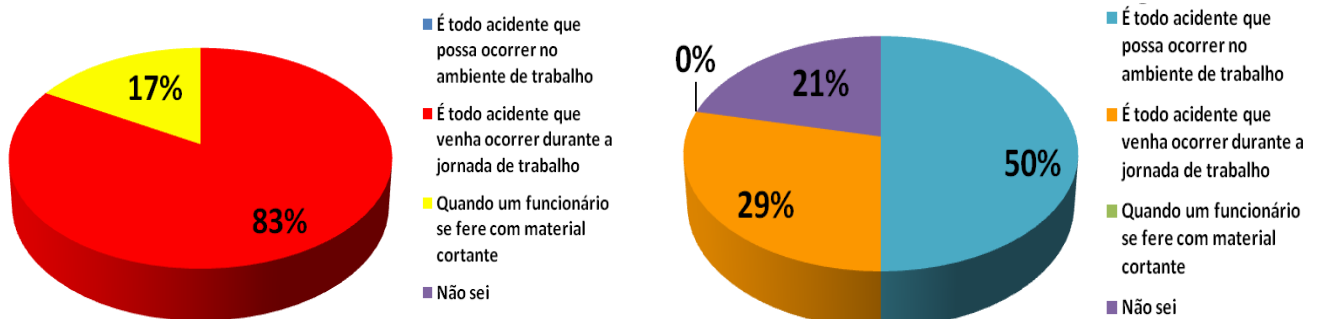


Gráfico 1- Distribuição percentual dos 20 profissionais de enfermagem de acordo com o entendimento sobre acidente de trabalho. Rosário-MA, 2011.

Observou-se que embora a maioria dos enfermeiros não tenham o entendimento completo sobre o conceito de acidente de trabalho pelo menos 83% dos entrevistados possuíam informações muito próximas do conceito no Ministério da Previdência Social. Com relação aos técnicos de enfermagem existe um entendimento restrito, visto que, a maioria associa acidente de trabalho apenas ao local de realização de suas atividades ou não possuem entendimento formado sobre o assunto. Tais resultados apontam para o mesmo encontrado por Nishide; Benatti; Alexandre (2004), que verificaram que a maioria dos profissionais de enfermagem desconhecem a necessidade de notificação do acidente de trabalho, ocorrendo uma subnotificação das lesões e agravos, levando a confirmar que a maioria dos entrevistados desconhecem o conceito de acidente de trabalho, fator esse preocupante, sendo evidenciado pouco conhecimento do sobre o assunto.

Na tabela 2 os dados deixam evidente que 95% dos profissionais, 70% dos técnicos de enfermagem e 25% dos enfermeiros já sofreram algum acidente de trabalho sendo 90% com material perfuro cortante. Quanto ao setor que trabalhava no momento do acidente, 45% da população, ou seja, 42,86% dos téc. de enfermagem e 50% dos enfermeiros estavam nos setores de internação e/ou emergência. No que diz respeito à frequência dos acidentes de trabalho, 10% da população, ou seja, (14,29% dos técnicos), disseram que sofrem acidentes todos os dias, já 90% da população (85,71% dos técnicos e 100% dos enfermeiros) declararam sofrer acidente uma vez por mês.

Tabela 2 – Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais de enfermagem de acordo com a ocorrência tipo, setor e frequência com que ocorreram os acidentes de trabalho. Rosário-MA, 2011.

VARIÁVEL	Enfermeiro(a)		Técnico(a) de Enfermagem		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>Acidente de trabalho</b>						
Sim	5	25	14	70	19	95
Não	1	5	-	-	1	5
<b>Total</b>	6	30	14	70	20	100
<b>Tipo</b>						
Corte com ampola	1	5	4	20	5	25
Perfuração com agulha	5	25	8	40	13	65
Problema de coluna	-	-	2	10	2	10
<b>Total</b>	6	30	14	70	20	100
<b>Setor</b>						
Internação e C. Cirúrgico	2	10	3	15	5	25
Internação e Emergência	3	15	6	30	9	45
Internação e Ambulatório	1	5	5	25	6	30
<b>Total</b>	6	30	14	70	20	100
<b>Frequência</b>						
Todo dia	-	-	2	10	2	10
Uma vez por semana	-	-	-	-	-	-
Uma vez por mês	6	30	12	60	18	90
<b>TOTAL</b>	6	30	14	70	20	100

Os dados obtidos neste estudo são os mesmos encontrados por Ribeiro; Shimizu (2007), que identificaram que a maior frequência de acidentes de trabalho em hospitais sucede na enfermagem devido os trabalhadores prestarem assistência direta aos pacientes e indireta como limpeza, desinfecção de materiais, de equipamentos e do ambiente. E ainda Preira et al, (2004), em um estudo realizado com profissionais de enfermagem constatou-se que a maior incidência de acidentes de trabalho ocorre com materiais perfurocortantes, sendo que 52,2% ocorreram com agulha de seringa, 28,3%

com *scalps* e 19,5% por jelco, bisturi, ampola, agulha de raqui, gilete, instrumental cirúrgico e lanceta. Desta forma confirma-se o auto risco da natureza da atividade de enfermagem.

Na variável setor que sofreu acidentes, os dados obtidos são similares aos encontrado por Barboza; Soler; Ciorlia, 2004; Pereira et al (2004); Marziale; Nishimura; Ferreira (2004); Pinho; Balsamo; Felli (2006); Ribeiro; Shimizu (2007); Pinho; Rodrigues; Gomes (2007) em análise de artigos quanto aos setores hospitalares onde houve o registro dos acidentes, a clínica médica, cirúrgica e o pronto atendimento foram os de maior prevalência e ainda Costa; Benatti (1998) verificaram que as pessoas acidentadas trabalhavam principalmente na Unidade de Internação. Os dados demonstraram que o maior percentual de acidentes foi constatado em enfermeiro e tal situação provavelmente aconteceu pela assistência direta aos pacientes por eles prestada bem como pelo pouco tempo de atividade na área. Foi possível identificar também durante a pesquisa que os profissionais realizam rodízio de setor para atender as necessidades da população, informação essa fornecida pelos próprios profissionais, assim podendo acarretar dificuldades no desempenho das funções em virtude do pouco tempo de experiência em cada setor bem como do volume de procedimentos a serem executados por cada profissional aumentando o risco de acidentes de trabalho.

É evidente que o acidente de maior ocorrência entre os profissionais de enfermagem da unidade estudada é com material perfurocortante (90%) e a frequência com que ocorrem é elevada sendo justificado pela autoconfiança dos profissionais associada ao pouco tempo de experiência.

Verificou-se na tabela 3, quando perguntado que fator de risco encontrado no local de trabalho, 75% dos profissionais responderam biológico e químico sendo 83,33% (enfermeiros) e 71,43% (técnicos de enfermagem) e ainda 15% da população 14,28% dos técnicos e 16,66% dos enfermeiros responderam biológico e ergonômico e 10% da população 14,28% dos técnicos responderam biológico e físico.

Como causa que contribuiu para que ocorresse o acidente, 70% da população 66,67%(dos enfermeiro) e 71,43%( dos técnico de enfermagem) relataram sobrecarga de trabalho, ainda 30% da população 33,33%(dos enfermeiros) e 28,57% (dos técnicos de enfermagem) referiram a causa cansaço. Nenhuma das classes



apontou despreparo e más condições de trabalho como fator que contribuisse para o acidente.

Tabela 3 – Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais entrevistados, segundo fator de risco e causa do acidente. Rosário-MA, 2011.

VARIÁVEL	Categoria Profissional					
	Enfermeiro(a)		Técnico(a) de Enfermagem		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>Fator de risco</b>						
Biológico e ergonômico	1	5	2	10	3	15
Biológico e físico	-	-	2	10	2	10
Biológico e químico	5	25	10	50	15	75
<b>Total</b>	6	30	14	70	20	100
<b>Causa do acidente</b>						
cansaço	2	10	4	20	6	30
despreparo	-	-	-	-	-	-
sobrecarga de trabalho	4	20	10	50	14	70
más condições de trabalho	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	6	30	14	70	20	100

Conforme Ruiz; Barboza; Soler (2004), o principal tipo de acidente encontrado por eles foi com material perfurocortante levando a deduzir que o risco biológico é o mais comumente encontrado nos locais de trabalho da equipe de enfermagem como enfermaria, pronto atendimento, centro cirúrgico, dentre outros, haja vista a característica da atividade realizada.

Os dados quanto as causas do acidente se justificam, devido os referidos profissionais trabalharem em rodízio, e especificamente no caso dos enfermeiros existe acúmulo de encargos, pois assumem mais de um setor dependendo da rotina da unidade. Ribeiro; Shimizu (2007), disseram que o número reduzido de funcionários, os predispõe a perigos principalmente para aqueles que assumem sobrecarga de trabalho

e ainda Brandi (1998), constatou que o ritmo intenso, com conseqüente sobrecarga de trabalho, pode ser significativa na ocorrência do acidente.

Observou-se no gráfico 2 que 36% dos técnicos de enfermagem referiram medo de serem contaminados por HIV e Hepatite, 14% tiveram como conseqüência o afastamento do trabalho e 29% que o acidente prejudicou sua atenção no trabalho. Dos enfermeiros, 83% referiram medo de serem contaminados por HIV e Hepatite e 17%, referiram dor.



Gráfico 2 - Distribuição percentual dos 20 profissionais estudados segundo as conseqüências sofridas em decorrência do acidente, Rosário-MA, 2011.

Em pesquisa realizada por Benatti (2001), fora constatado que a maior conseqüência sofrida pelos profissionais acidentados foi dor seguida de preocupação com o HIV e hepatite. Tal dado diverge do observado nesta pesquisa que elencou como principal conseqüência sofrida em decorrência do acidente a preocupação relativa com a possibilidade de contaminação por HIV e Hepatite. Especificamente com relação aos técnicos de enfermagem, a conseqüência “falta de atenção no trabalho” constitui-se como mais um fator de risco na atividade visto que o nível de stress dos profissionais vitimados interfere negativamente na prestação de cuidados, bem como pode contribuir para que outros acidentes aconteçam.

Na tabela 5, observou-se que 95% dos profissionais (83,33% dos enfermeiros) e (100% dos técnicos de enfermagem) disseram que o hospital oferece EPI em quantidade e qualidade necessária.

Quanto a utilização regular dos EPI's pelos profissionais, 10% da população sendo (16,66%) dos enfermeiros e (7,14%) dos técnicos não acham necessário utilizá-los em todos os procedimentos que requeiram sua utilização.

No que diz respeito ao profissional ter recebido orientações sobre segurança no trabalho, apenas 10% (enfermeiros) já receberam e o restante nunca foram orientados sobre segurança no trabalho.

Tabela 4 – Distribuição numérica e percentual dos 20 profissionais entrevistados, quanto a oferta satisfatória de Equipamentos de Proteção Individual – EPI's pelo hospital, utilização dos EPI's em todos os procedimentos os quais sejam necessários e recebimento de alguma orientação sobre segurança no trabalho-Rosário/Ma, 2011.

VARIÁVEL	Categoria Profissional					
	Enfermeiro(a)		Técnico(a) de Enfermagem		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<b>Disponibilização de EPI's de acordo com o tipo de trabalho</b>						
Sim	5	25	14	70	19	95
Não	1	5	-	-	1	5
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>30</b>	<b>14</b>	<b>70</b>	<b>20</b>	<b>100</b>
<b>Utilização de EPI's nos procedimentos</b>						
Sim	5	25	13	65	18	90
Não	1	5	1	5	2	10
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>30</b>	<b>14</b>	<b>70</b>	<b>20</b>	<b>100</b>
<b>Orientação sobre segurança no trabalho</b>						
Sim	2	10	-	-	2	10
Não	4	20	14	70	18	90
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>30</b>	<b>14</b>	<b>70</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

A informação quanto à oferta satisfatória de Equipamentos de Proteção Individual – EPI's pelo hospital é conflitante com os dados encontrados na tabela 2 desse estudo que identificou os percentuais de (85,71% dos técnicos e 100% dos enfermeiros) declararam sofrer acidente uma vez por mês. Tal divergência na

informação pode ser explicada por se tratar de Unidade de saúde municipal e por 90% dos funcionários serem contratados.

A utilização de EPI's pelos profissionais da Unidade estudada contradizem o resultado encontrado por Zapparoli (2005), que identificou que 84,0% dos trabalhadores julgaram desnecessário o uso de EPI por não acreditarem na contaminação do material que estavam manipulando. Embora o percentual encontrado seja pequeno, é relevante quando se considera a atividade desempenhada, bem como, o risco associado à mesma.

Quando o assunto é segurança no trabalho, muitos dos profissionais entrevistados ainda não tinham ouvido falar. Tal situação é preocupante, visto que a maioria dos profissionais não possui treinamento formal quanto a segurança no trabalho. Almeida; Pagliuca; Leite (2005) recomendam que ações educativas permanentes aos profissionais de enfermagem incentivando os mesmos a utilizarem os equipamentos de proteção individual de forma correta durante a realização de suas atividades.

## 5 CONCLUSÃO

Diante do exposto conclui-se que:

- a) A classe de enfermagem da Unidade estudada é composta em sua maioria por técnicos de enfermagem;
- b) Os profissionais possuem menos de cinco anos de experiência;
- c) O maior percentual dos entrevistados mostrou desconhecer o conceito de acidente de trabalho mesmo tendo sofrido um acidente;
- d) A forma mais comum de acidente foi com material perfuro cortante e os setores de maior incidência foram internação/emergência;
- e) Como fator de risco, o biológico e químico foram os mais mencionados e a principal causa do acidente elencada foi sobrecarga de trabalho;
- f) A principal consequência do acidente foi medo de ser contaminado por HIV e hepatite;
- g) O percentual mais significativo declarou trabalhar utilizando EPI's em quantidade e qualidade suficiente embora não tenha recebido orientações sobre segurança no trabalho.

Tais conclusões são informações de base para implantação e implementação de políticas voltadas para a área da saúde que contribuam para mudança no perfil das equipes de enfermagem no referido município objeto do estudo, no que tange aos riscos ocupacionais e acidentes de trabalho.

Sugere-se a implantação de um programa de treinamento continuado voltado aos profissionais de enfermagem no sentido de informar sobre o tema acidentes de trabalho bem como capacitá-los para o uso de EPI's e EPC's visando a redução da incidência de acidentes.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; BENATTI, Maria Cecília Cardoso. Acidentes de trabalho afetando a coluna vertebral: um estudo realizado com trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, vol.6, n.2, apr. 1998.

ALMEIDA, C. B.; PAGLIUCA, L. M. F.; LEITE, A. L. A. S. Acidentes de trabalho envolvendo os olhos: avaliação de riscos ocupacionais com trabalhadores de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 708-716, set./out. 2005.

BALSAMO, Ana Cristina; FELLI, Vanda Elisa Andres. Estudo sobre os acidentes de trabalho com exposição aos líquidos corporais humanos em trabalhadores da saúde de um hospital universitário. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n° 3, 2006.

BENATTI, Maria Cecilia Cardoso. Acidentes de trabalho entre trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário. **Rev. esc. enferm. USP**, v. 35, n° 2, p. 155-162, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342001000200010>. Acesso em: 20 de novembro de 2011.

BRANDI, S. Ocorrência de acidentes do trabalho por material pérfuro-cortante entre trabalhadores de um hospital universitário de cidade de campinas (SP). Estado de São Paulo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 32, n° 2, p. 124-133, 1998.

BRASIL. **Ministério da Previdência Social**. Disponível em: [http://www1.previdencia.gov.br/pg\\_secundarias/paginas\\_perfis/perfil\\_Empregador\\_10\\_0\\_4-A5.asp](http://www1.previdencia.gov.br/pg_secundarias/paginas_perfis/perfil_Empregador_10_0_4-A5.asp). Acesso em: 10 de novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde Coordenação Nacional de DST E AIDS: **Manual de condutas em exposição ocupacional a material biológico**. Brasília, DF: OPAS, OMS, 2001

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde.** Brasília, DF: OPAS, OMS, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho (Br). **Norma regulamentadora – NR9: riscos ambientais.** Programa de prevenção de riscos ambientais. Portaria Nº25 de 29.12.94. Disponível em: <http://www.ifi.unicamp.br/~jalfredo>. Acesso em 20 nov 2011.

CASTEJÓN, E. Evaluación de riesgos. In: BENAVIDES, F. G.; RUIZ-FREITOS, C.; GARCÍA, A. G. **Salud laboral: conceptos y técnicas para la prevención de riesgos laborales.** 2. ed. Barcelona: Masson, 2004. p. 223-234.

COSTA, Taiza Florêncio; FELLI, Vanda Elisa Andrés. Exposição dos trabalhadores de enfermagem às cargas químicas em um hospital público universitário da cidade de São Paulo. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 4, 2005.

Educação. Disponível em:

(<http://www.portaleducacao.com.br/enfermagem/artigos/9694/o-uso-de-equipamentos-de-protecao-individual-pelos-profissionais-de-enfermagem>) Acesso em: 28 out. 2011.

FERRONI, F.C. et al. Utilização dos equipamentos de proteção individual pela enfermagem **Revista Enfermagem Integrada**, Ipatinga: MG, v.2, n.1, jul./ago. 2009.

FUNDACENTRO. **Proteção no trabalho.** Disponível em:

([http://www.fundacentro.gov.br/dominios/ctn/anexos/cdNr10/Manuais/M%C3%B3dulo02/5\\_8%20-%20EQUIPAMENTOS%20DE%20PROTE%C3%87%C3%83O%20INDIVIDUAL.pdf](http://www.fundacentro.gov.br/dominios/ctn/anexos/cdNr10/Manuais/M%C3%B3dulo02/5_8%20-%20EQUIPAMENTOS%20DE%20PROTE%C3%87%C3%83O%20INDIVIDUAL.pdf)). Acesso em: 05 set. 2011.

GIR, Elucir; COSTA, Fabiana Prado Potiens; SILVA, Adriana Maria da. A Enfermagem frente a acidentes de trabalho com material potencialmente contaminado na era do HIV. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 32, n.3, p. 262-72, out. 1998.

INSTITUTO NACIONAL DE SEGURIDADE E HIGIENE EN EL TRABAJO. **Evaluación de las condiciones de trabajo en la PYME.** 5. ed. España: INSHT, 2008. Disponível em: <<http://www.insht.es/portal/site/Insht>>. Acesso em: 31 out. 2011.

LAURELL, A.C., NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário.** São Paulo: Hucitec, 1989.

MARZIALE, Maria Helena Palucci; NISHIMURA, Karina Yukari Namioka; FERREIRA, Mônica Miguel. Riscos de contaminação ocasionados por acidentes de trabalho com material perfuro-cortante entre trabalhadores de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, 2004.

\_\_\_\_\_ ; RODRIGUES. C.M. A produção científica sobre os acidentes de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 571-577, 2002.

NISHIDE, V. M.; BENATTI, M. C. C.; ALEXANDRE, N. M. C. Ocorrência de acidente do trabalho em uma unidade de terapia intensiva. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 204-211, mar./abr. 2004.

PEREIRA, A. C. et al. **Acidentes de trabalho com material perfurocortante em profissionais da equipe de enfermagem da rede hospitalar pública de Rio Branco - Acre - Brasil.** dez. 2004.

RIBEIRO, E. J. G.; SHIMIZU, H. E. Acidentes de trabalho com trabalhadores de enfermagem. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 5, p. 535-540, set./out. 2007.

RUIZ, M. T.; BARBOZA, D. B.; SOLER, Z. A. S. G. Acidente de trabalho: um estudo sobre esta ocorrência em um hospital geral. **Revista Arquivo Ciência Saúde**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 5, p. 119-124, out./dez. 2004.

TALHAFERRO, Belisa ; BARBOZA Denise Beretta; OLIVEIRA Andrea Ranucci de. Adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual pela enfermagem. **Rev. Ciênc. Méd.**, Campinas, v. 17, n° 3-6, p.157-166, maio/dez., 2008.

ZAPPAROLI AS, A.S. **Promoção da saúde do trabalhador de enfermagem: análise da prática segura do uso de luvas na punção venosa periférica.** 2005 60f. Dissertação de mestrado em Saúde Pública - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2005.



## APÊNDICES

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados.

LABORO-EXCELÊNCIA EM PÓS- GRADUAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DO TRABALHO

1º Qual sua função? ( ) enfermeiro(a) ( ) técnico(a) de enfermagem

2º Quanto tempo você trabalha na área de enfermagem?

3º O que você entende por acidente de trabalho?

4º Você já sofreu algum acidente de trabalho? Qual?

5º Em que setor você trabalhava quando aconteceu o acidente?

6º Com que frequência os acidentes acontecem?

( ) todo dia ( ) uma vez por semana ( ) uma vez por mês

7º Quais os fatores de risco que seu local de trabalho possui para que ocorra um acidente?

( ) químico ( ) físico ( ) biológico ( ) ergonômico ( ) outro

8º O que contribuiu para que ocorresse o acidente?

( ) cansaço ( ) sobrecarga de trabalho ( ) despreparo ( ) más condições de trabalho

9º Que consequências você sofreu em decorrência do acidente?

10º O hospital oferece equipamentos de proteção individual em quantidade e qualidade necessária para que você possa desenvolver seu trabalho?

( ) sim ( ) não

11º Você utiliza os equipamentos de proteção individual em todos os procedimentos os quais sejam necessários?

( ) sim ( ) não

12º Você já recebeu alguma orientação sobre segurança no trabalho?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
 LABORO - EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO  
 UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ  
 CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DO TRABALHO

Orientadora: Profª Dra Mônica Elinor Alves Gama

End: Av. Castelo Branco, 605, Sala 400, São Francisco-São Luis-Ma Tel:(98)3216-9901  
 (98)8138-8155 e-mail academico@institutolaboro.com.br

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa - UFMA: Prof. Doutor Sanatiel de Jesus Pereira.

End. do Comitê: Avenida dos Portugueses, S/N. Campus do Bacanga, Prédio CEB-Velho, Bloco C, Sala 7 CEP: 65080-040. Tel: 2109-8708.

Pesquisadora: Michelli Amorim Souza Guterres

**ACIDENTES DE TRABALHO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UMA UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO**

Prezado (a) Sr (a), estaremos realizando uma pesquisa a respeito de acidentes de trabalho entre profissionais de enfermagem. Para isso, preciso fazer algumas perguntas para a(o) Sra.(o) que ajudarão a estudar os acidentes de trabalho entre profissionais de enfermagem da Unidade Mista do município de Rosário. A sua participação não terá nenhum custo e não haverá nada que afete a sua saúde. Não terá nenhum problema se a(o) Sra.(o) quiser se retirar da pesquisa e não haverá nenhuma interferência no seu atendimento. A(O) Sra.(o) poderá deixar de responder a qualquer pergunta que possa causar constrangimento. Convido você a participar da pesquisa acima mencionada. Agradeço sua colaboração.

Fui esclarecida(o) e entendi as explicações que me foram dadas. Darei informações sobre acidentes de maior ocorrência, principais causas dos acidentes. Durante o desenvolvimento da pesquisa, poderei tirar qualquer dúvida. Não haverá nenhum risco ou desconforto. Poderei desistir de continuar na pesquisa a qualquer momento. Não serão divulgados os meus dados de identificação pessoal. Não haverá nenhum custo decorrente dessa participação na pesquisa.

Rosário, / /

---

Assinatura e carimbo do  
 Pesquisador responsável

---

Sujeito da Pesquisa

Unidade Mista de Rosário  
 Av. Eurico Macedo nº 2447 Centro CEP: 65.150-000  
 Rosário-MA.